



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

“Fazer o quê?” Narrativas sobre o trabalho em tempos de enchente. –

Jaguaruana/CE - 1960-1985

Kamillo Karol Ribeiro e Silva¹

Resumo: O presente artigo resconstroi, a partir das narrativas orais de trabalhadores rurais da cidade de Jaguaruana, interior do Ceará, as perspectivas de trabalho durante as enchentes ocorridas na região nos anos de 1960, 1974 e 1985. Exemplo de dificuldade, solidariedade e economia moral são identificados nos textos orais contruídos pelos narradores, quando são provocados a discorrer sobre as estratégias de sobrevivência em tempos de cheia do rio. A pesquisa conclui que o trabalho é uma temática que organiza as narrativas e as vidas dos narradores.

Palavras-chave: Enchentes, Narrativas Oraís, Trabalho.

Abstract: This article traces, from oral narratives of rural workers in the city of Jaguaruana, in the State of Ceará, the perspective of work during the floods that occurred in the region in 1960, 1974 and 1985. Examples of difficulty, solidarity and moral economy are identified in oral texts built by narrators when they are provoked to discuss about survival strategies in spate time. The research concludes that working is a theme that organizes the stories and the lives of the narrators.

Key words: Floods, Oral Narratives, Work.

Introdução - “*Quase não se tem como trabalhar*”².

As diversas situações enfrentadas pelos homens e mulheres, chamados aqui de retirantes das águas, aparecem em suas memórias das mais distintas formas e com intensidades diferentes, às vezes estimulados pelas perguntas, outras, pelos acontecimentos que rodeiam o ambiente onde se está fazendo a entrevista. As conexões firmadas entre o meio, o entrevistado e o entrevistador deram a esta pesquisa uma chance de vislumbrar melhor determinados acontecimentos que surgiram nas conversas e se tornaram característicos ao longo do percurso feito, ganhando assim um maior espaço de reflexão neste texto.

¹ Secretaria da Educação do Estado do Ceará. Faculdade Vale do Jaguaribe. Contato: kamillosilva@gmail.com.

² Antônio Avani de Almeida. Entrevista realizada em 05 de ago. 2002, na cidade de Jaguaruana, no grupo escolar do bairro Alto. O Sr. Avani é um trabalhador rural que mora na periferia da cidade. Escolhido como um dos narradores dessa pesquisa, Avani mostrou-se sempre como construtor do texto oral. Sindicalista, politizado e como se autodenomina, *um matuto sabido*, as narrativas sobre trabalho sempre foram recorrentes em suas entrevistas.

Na trajetória das enchentes, nada é mais evidente que o cenário de reconstrução de vidas, imposto aos moradores da ribeira do Jaguaribe ou, como no caso desse estudo, daqueles que viviam no centro da cidade. Se, em tempos de cheia, retirar-se de casa é lei natural, sobreviver é a matéria que move a astúcia de nossos personagens-sujeitos históricos. Nessa ambiência, um tema que aparece com força nas artimanhas das memórias, e, por conseguinte, marca as narrativas de forma substancial, é o trabalho.

A maioria das pessoas que figura nesta pesquisa é formada por agricultores, tendo, a partir disso, uma estreita relação com a terra e com a natureza por quase o ano inteiro, seja arando as pequenas faixas de terra, seja esperando a chuva para iniciar o plantio. No entanto, como nesse estudo tratamos especificamente de períodos de cheia, ou seja, momentos de grandes invernadas, a situação comum de espera pelas chuvas se inverte e assim, após grandes enxurradas, passam os agricultores a aguardar o fim das torrentes.

Os fenômenos aqui descritos se passam especificamente na cidade de Jaguaruana, localizada no interior do Ceará, distante a aproximadamente 180 km da capital do Estado, Fortaleza. A cidade sempre teve uma economia simples, vivendo nossos entrevistados, no momento que remetem suas memórias, numa cultura de subsistência, plantando na maior parte das vezes o algodão – especialmente nas décadas de 1940 até finais dos anos de 1970, milho e feijão.

Para este trabalho, pessoas simples como Chico Pequeno, Avani e outros entrevistados, falaram da situação vivenciada nos anos estudados, dizendo como não aguentavam mais o ambiente da enchente e como esperavam pelo fim das chuvas. A cheia, nesta perspectiva, “paralisa” a cidade e o campo. O desenvolvimento costumeiro da municipalidade, as relações de trabalho e a agitação comum do cotidiano dá lugar a outro tipo de movimento que chamei de *movimento das águas*. Ao ser indagado sobre o que se podia fazer em relação a trabalho durante a enchente, Avani respondeu: “*Fazer o quê? Quase não se tem como trabalhar!*”

Definições de trabalho em tempos de enchente – atividade natural humana X atividade remunerada

As narrativas sobre a questão do “*ter o que fazer*” dividem-se em dois momentos: por um lado, vê-se o trabalho como qualquer atividade que se possa fazer a todo instante; por outro, encara-se como aquilo que dá dinheiro, uma atividade remunerada.

Francisco Luiz da Silva, nascido em de agosto de 1921, é um dos principais narradores desta pesquisa. Na época em que o conheci, morava acompanhado por duas filhas, em uma

casa pequena, na comunidade de Jureminha, localizada a seis km da sede do município de Jaguaruana. Numa tarde, após uma chuva que quase tornou os caminhos da região intransitáveis, Chico Pequeno – nome pelo qual era conhecido, fez questão de falar da agricultura, enfatizando que mesmo com seus 83 anos ainda trabalhava nessa e com orgulho. Nesse dia falou como encarava a perspectiva do trabalho durante uma cheia:

Em tempo de cheia sempre se tem o que fazer dentro de casa: é uma cerca pra arrumar, é um bicho pra tomar de conta, né, salvar da água. É a parede que cái, de barro, né. É tudo, assim, num falta não. Mas agora, dizer assim: - Chico, vai ali, fulano tá precisando de alguém pra dar um dia de serviço, paga tanto! Vai plantá, vai fazer não sei o quê, aí não tem não. É debaixo d'água direto, né, na chuva³.

O trabalho como atividade que traduz a relação de troca – força humana por dinheiro – torna-se escasso, na medida em que a situação da enchente não cria condições para a manutenção das famílias e de si mesmo, como se fazia costumeiramente ao se trabalhar na agricultura.

A cheia, sorrateiramente, inviabiliza o uso da terra, de onde constantemente os agricultores retiram seu sustento e outras oportunidades, como, por exemplo, o trabalho na construção civil.

Antônio Avani de Almeida, um trabalhador rural, morador do Bairro Alto, localizado na periferia da cidade, foi alguém, tal como Chico Pequeno, que sempre se mostrou como um narrador disposto a compartilhar suas memórias. Em seu depoimento, descreve a lida do sertanejo, *acostumado a trabalhar* na maior parte de sua vida:

Durante o verão, nós somos uns verdadeiros bóias-fria, a gente trabalha em tudo, embora nós somos as pessoas que temos um trabalho que vem a ser o trabalho mais digno de todo mundo, que é produzir grãos para o alimento das pessoas que trabalham e dos que não trabalham.

A gente trabalha o verão cortando madeira no mato, a gente faz aquelas carradinhas de lenha, vende por R\$ 20,00. Faz um plantio de vazante. A gente abraça também um trabalho de servente de pedreiro, carrega um carro de tijolo e descarrega acolá. Ou seja, um bóia-fria é um cidadão que não tem segurada uma atividade. Trabalha efetivamente em tudo ganhando o mínimo.⁴

O tempo seco – o *verão* de Avani, desenha-se como tempo de oportunidades. O trabalho remunerado é aquilo que aparece para ser feito. No entanto, durante a enchente, raras são as opções de serviço em que se ganha dinheiro. A sobrevivência torna-se uma situação atribulada para além das privações vividas em tempos de estiagem.

² Francisco Luiz da Silva. Entrevista realizada no dia 19 jun. 2004. Faleceu em setembro de 2008. Jureminha, Jaguaruana-CE.

³ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 09 jan. 2005, Bairro Alto, Jaguaruana-CE.

Na cidade de Jaguaruana, no período estudado (1960, 1974 e 1985), o ambiente não foi diferente. Mesmo sendo conhecida como *Terra da Rede*, pela importante produção de redes para dormir, e as décadas de 1970 e 1980 terem sido períodos promissores da história do fabrico e vendas destas peças, nos momentos em que as enchentes se instalaram, tal produção foi prejudicada.

As casas de produção e as fábricas não funcionaram por conta das inundações e parte do processo de produção da rede – tingimento e secagem de fios – era impossível de ser feito. O sol não aparecia para secar os fios e a produção já confeccionada não podia ser escoada por conta das estradas que haviam sido destruídas.

O Jornal O Povo de 22 de abril de 1974 apresentou uma espécie de radiografia das cidades do Vale do Jaguaribe durante o período da enchente e, quando se referiu a Jaguaruana, afirmou: “Com a elevação do nível do Rio Jaguaribe, a cidade esta condenada a permanecer ilhada por muito tempo”.⁵ O evento aconteceu pouco tempo depois, quando de fato, segundo os entrevistados, “a cheia levou a estrada embora”.⁶

Seria importante ainda dizer que não somente a estrada que liga a cidade a outros municípios ficou sem condições de uso. Em períodos invernosos, os caminhos vicinais do município, usados para ligar as comunidades umas as outras, também ficam intrafegáveis. Tudo isso, de certa forma, vai, aos poucos, ceifando as oportunidades de trabalho.

A mão-de-obra utilizada no processo de acabamento da rede é de homens, mulheres e crianças moradoras das comunidades do interior do município. A rede de dormir, cuja confecção se inicia no *urdimento* dos fios e no processo de tecelagem, em batelões elétricos ou manuais, é terminada nas mãos de uma extensa cadeia de trabalhadores que se dividem nas mais diferentes funções: uns fazem o *trancelim*, outros puxam corda, bordam o tecido da rede, outros trabalhadores costuram a *bainha*, alguém faz a varanda da rede, que depois é adicionada à peça e assim por diante. Um único exemplar pode passar pelas mãos de moradores de diversas comunidades antes de ser concluída.⁷

Ainda hoje, mesmo tendo a produção de rede decaído a partir da década de 1990, é comum encontrar moradores das comunidades levando fardos do produto para suas casas a fim de trabalhar com aquela matéria. Na enchente, toda esta cadeia foi desmontada em virtude

⁴ Elevam-se novamente as águas do Rio. Jornal O Povo, 22/04/1974. pág. 12.

⁵ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 09 jan. 2005, bairro Alto, Jaguaruana-CE.

⁶ Nota do autor: Os termos usados no processo de fabrico da rede são os mais variados e sem saber o seu significado fica difícil saber de qual parte se está falando. Urdimento é o processo de esticamento dos fios de algodão que compõem a trama e a urdidura do tecido que virá ser a rede; Trancelim são os cordões que integram o punho da rede; Bainha é a extremidade do pano da rede. Há redes sem bainhas. Podem ser bordadas ou não; As varandas são adornos laterais costurados às bordas da rede. Podem ser feitas de crochê ou de linha crua, o fio de algodão.

das chuvas, das estradas intransitáveis e da impossibilidade do escoamento daquilo que pudesse ser produzido.

Outras atividades também foram afetadas pelas chuvas nos anos de 1974 e de 1985. A construção civil, o beneficiamento da cera de carnaúba e até mesmo o funcionalismo público, com a abertura das escolas e do prédio da Prefeitura Municipal para abrigar retirados. Contudo, na medida em que, trabalho para se ganhar dinheiro era escasso, pensando junto à fala de Chico Pequeno, pode-se ver que havia muito trabalho doméstico a se fazer. Em seu relato define o cotidiano durante a cheia:

Kamillo – Sobre o trabalho; podia se trabalhar em tempos de enchente?

Chico Pequeno – Trabalho não tinha não. Trabalho era amanhecer o dia, correr a casa andando de um canto pra outro e entrar pra dentro de casa. [...] Era assim, um cuidava dos bichos. Eu fui um, em 74, eu tinha aqui uma criação. De manhãzinha, eu vinha vaquejar aquelas criação dentro do mato, depois botava pra dentro do chiqueiro de uma cunhada. Chegava lá, deixava e voltava pra casa. Meio dia, ficava por ali, comia uma coisinha, me deitava. De tarde tinha que pegar e ir lá de novo. Se largava pro chiqueiro pra ver quantas tavam faltando. Aí voltava. E aí era a mesma coisa todo dia.⁸

O trabalho doméstico não é uma atividade geradora de renda. Por outro lado, se observarmos melhor a fala de Chico Pequeno, pode ser uma forma de “economizar” um dinheiro que com certeza seria gasto após a enchente. Cuidar de sua criação de cabras é proteger seu patrimônio. Partindo desta ideia, relembro a fala de Avani, quando disse que, mesmo estando sua casa praticamente submersa, ia visitá-la diariamente “para ver como as coisas estavam”. Dizendo isso, demonstrava explicitamente o seu interesse em conservar aquilo que havia ficado. Dessa maneira, pode-se dizer que, em tempos de enchente, uma grande atividade era *trabalhar* para que, quando esta passasse, se gastasse o mínimo possível na reconstrução de suas vidas.

Mesmo sendo poucas as formas de se ganhar dinheiro durante a enchente, Avani falou das possíveis formas de trabalho remunerado, expondo que mesmo em meio às dificuldades enfrentadas durante a cheia, vez por outra, poderia ainda surgir atividades que gerassem alguma renda, mas que segundo ele, nem merecessem serem chamadas de trabalho:

Não, trabalho não, era um *biscate*. Você sabe bem o que é *biscate*? Um dia levar a mudança de um, depois salvar um que tá lá afogado com o gado, a criação, os porcos. Então, às vezes também tem um terreno que não alagou, por exemplo, embora mais longe. Então vai lá e planta um legume. Essas coisas. A gente se vira, mas trabalho mesmo que é bom, nada.⁹

⁷ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 12 jan. 2004. Jureminha, Jaguaruana-CE.

⁸ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 09 jan. 2005, bairro Alto, Jaguaruana-CE.

Essas atividades, chamadas por Avani de biscate, assumem diferentes significados ao longo das narrativas. Acredito que Avani contruiu sua narrativa a partir de tais princípios, porque num momento ulterior, as atitudes citadas foram relatadas com outra tônica: definiam-se como solidariedade.

Transportar a mudança de alguém, ajudar um conhecido cuja casa caiu, que tem animais perdidos ou no brejo é se solidarizar com o sofrimento de outros companheiros que enfrentavam a mesma situação.

O dinheiro nem sempre está lá, mas quando surge nesses casos, não figura como um pagamento de serviço. É um apêndice da relação. Há muitos motivos para se pensar assim: num momento de enchente, grande parte das pessoas está passando por necessidades; precisando de recursos, procuram trabalho que quase não existe. Quando chega a hora da mudança, pede-se ajuda aos companheiros e vizinhos e umas das formas de recompensá-los é pagando-lhes com dinheiro. Se isto for possível, é evidente que é bem-vindo, mas o que resta depois de tudo isso é um sentimento de que a atividade realizada não foi um trabalho.

Tratando da análise da matéria dessas memórias, seria importante perceber de que fatos concretos tais lembranças advêm. Neste caso, recordar sobre a ambiência do trabalho, profundamente modificado pela enchente, tornou-se a marca temporal de tais narrativas.

O ambiente que se forma em tempos de cheia exige das pessoas uma atitude de caráter humanitário, que, com ou sem dinheiro, sempre vai existir. Podemos observar isso no momento em que os moradores de lugares altos, abrem suas casas para receber desalojados, que podem ser parentes, conhecidos ou até estranhos.

Há também casos específicos de reconhecido desprendimento, como o exemplo do senhor *Assis Moco*, narrado por Avani:

Um cidadão por nome de Assis Moco tinha um boi na época (1985) e uma carroça. **Trabalhava** dia e noite **gratuitamente** para todas as pessoas. Foi um verdadeiro prefeito aqui dentro. Eu não sei como é que um animal resiste o que aquele boi resistiu. Ele viajava toda noite, toda madrugada, todo dia, levando e trazendo o povo em fila com as bagagens arrumadas. Não queria saber se a pessoa tinha nada pra oferecer em troca daquilo.¹⁰

Nos esquemas de pensamento de Avani e Chico Pequeno, Assis Moco é um exemplo de pessoa que trabalhou e não foi remunerada. É certo que nem todos os moradores do Bairro Alto no ano de 1985 dispunham das mesmas condições de Assis Moco, ou seja, um boi forte e uma carroça. Daí, pode-se justificar o ritmo de sua atividade e a admiração de Avani pela

⁹ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 05 ago. 2002, bairro Alto, Jaguaruana-CE.

figura deste homem, advinda dentre outras coisas, da sua atitude de não “*querer um tostão de ninguém*”.

Arlette Farge, ao falar sobre o sofrimento, sugere uma indicação para esta reflexão. Segundo ela, *se considerarmos os sentimentos e suas formas de expressão como um acontecimento histórico, poderemos refletir sobre seus desdobramentos e consequências*.¹¹ Desta forma, podemos pensar que existia entre os sujeitos dessas histórias e memórias uma troca de outro tipo de capital, que percebermos ser de ordem moral. Como frisou Avani, Assis Moco foi um verdadeiro “prefeito” dentro da sua comunidade.

Em outros casos, aceitar o dinheiro que era oferecido em acontecimentos desta natureza era uma forma de amenizar um pouco a situação calamitosa pela qual se atravessava. Por causa disso, acredito que Avani preferiu dizer que “trabalho não havia e o que se podia fazer era um biscoito”.

Em seu relato sobre Assis Moco, o verbo *trabalhar* logo vem seguido do adjetivo *gratuitamente*. Trabalhar gratuitamente. O que, em qualquer outra situação, poderia gerar um contrassenso, aqui revela uma “estrutura de sentimentos” presente naquela comunidade, que enfrentava um período de enchente: a palavra “trabalho” foi tomada por empréstimo e ressignificada¹².

Longe da vida e da experiência dos agricultores que entrevistei, surgiram outras realidades. Aqueles que não moravam nas comunidades ribeirinhas e detinham melhores condições financeiras também discorreram sobre o trabalho em suas memórias. Eles transformaram as situações narradas por Avani e Chico Pequeno em oportunidades de ganhar dinheiro.

Durante o período da enchente propriamente dita, o que geralmente ocorre durante a quadra invernos que vai de março a junho, a atividade mais comum era a locomoção das pessoas pelas diversas regiões do município.

Algumas pessoas que eram consideradas *ricas* possuíam o transporte adequado que podia romper as águas, como por exemplo, um trator ou caminhão. No entanto, para realizar o chamado *movimento das águas*, as canoas eram usadas comumente, embora nos anos de 1985

¹⁰ Segundo Farge, “é comum que a dor da migração consiga tecer novos comportamentos e outras relações de força. Nesta mesma perspectiva, as palavras e os gestos ocasionados pelo sofrimento, animam uma sociedade, e, mesmo num tom sórdido como se revela, apresenta para nós elementos para a solidariedade”. (FARGE, Arlette. Do Sofrimento. In: *Lugares para a História*. Lisboa: Teorema, 1999. p. 22).

¹¹ Para Williams, “as estruturas de sentimentos podem ser definidas como experiências sociais em solução, distintas de outras formações semânticas sociais que foram precipitadas e existem de forma mais evidente e imediata” (WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 128). No que se refere ao trabalho, as mais diversas atividades vão se resignificando ao longo do diálogo, demonstrando que a definição do próprio conceito passa pelo crivo da experiência social.

e 1989, também anos de cheias, as mesmas já fossem artigos de notória raridade. Chico Pequeno contou que “aqui de primeiro todo mundo tinha uma canoa. Camarada ia chamar, pronto. E hoje ninguém tem”.¹³

Atualmente, quando o inverno é mais forte e as passagens molhadas¹⁴ são rompidas (fato ocorrido mais recentemente nos anos de 2004 e 2010), o transporte de pessoas entre as duas margens do rio é feito de canoa, o que se torna um negócio lucrativo. Na cidade de Jaguaruana, por exemplo, é comum a prefeitura municipal alugar canoas para complementar o transporte escolar e os moradores da zona rural, que precisam vir ao centro da cidade, efetuam a travessia pagando o preço mínimo de R\$ 1,00, por trecho, sem levar em conta situações outras como, por exemplo, transportar motocicletas, bicicletas e animais, quando se paga naturalmente um acréscimo.¹⁵

Imagem 01 – Estiva sobre o Rio Jaguaribe – Jaguaruana



Autor: Olivenor Chaves

Outra atividade remunerada, feita por algumas mulheres, era a de lavar roupas na beira dos rios. Antigamente, podia-se presenciar a cena das pessoas atravessando o rio de canoa para entregar na cidade *trouxas de roupas lavadas*. A atividade, que já fora lugar-comum da paisagem do interior do Nordeste foi, digamos, intensificada durante o período da enchente. Narrou Avani, que “ali no centro mesmo, na calçada do SESP, você só via montes de roupas,

¹² Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 19 jun. 2004. Jureminha, Jaguaruana-CE.

¹³ A passagem molhada é uma espécie de estrada que faz a ligação entre as duas margens do rio, comumente conhecida como *estiva*.

¹⁴ Nota do autor: valores verificados durante a enchente ocorrida na região no ano de 2010.

batedeiras e mais bateadeiras... Era gente lavando a sua própria mudinha de roupa, né, mas também tinha gente que ganhava”¹⁶.

A enchente proporcionou este tipo de lembranças, em que se vê o conflito social entre ricos e pobres, exposto através das representações de trabalho. Possuir uma canoa em tempos de cheia é algo semelhante a ser proprietário de um carro nos dias de hoje. Socialmente, há uma diferença sensível entre aqueles que podem possuir objetos desta natureza e os que não têm condições para isso. A mesma comparação não pode ser feita para as lavadoras de roupa: essas pessoas são geralmente mulheres pobres que dali tiram cotidianamente seu sustento.

Quando indagado sobre o trabalho, Chico Pequeno construiu um discurso a partir de suas experiências que não eram propriamente advindas de tempos de cheia. Quando viu seus netos brincando e correndo pelo terreiro de sua casa, falou: “No meu tempo e no tempo da mãe desse menino que tá maiorzinho, eu trabalhei demais. Ninguém via menino na carreira, brincando não. Vivia trabalhando na trança de chapéu e a mãe costurando o chapeuzim pra se comer um bocado na hora que ela acabasse”¹⁷.

Seu relato é uma tentativa de dizer que sustentar a família por meio do trabalho é uma atividade árdua e que exige dedicação. Seu discurso vai costurando sua experiência com a realidade presente, sempre denunciando ora a falta de trabalho, ora a falta de quem queira trabalhar.

Sobre suas atividades durante as enchentes, as lembranças de Chico Pequeno culminaram num relato de uma atividade desempenhada por ele durante a enchente de 1974, mas que não logrou muito sucesso em virtude das águas e da doença da mãe:

O Odilon Laureano tinha um gado que tinha botado lá pra eu tomar de conta. Era quase umas 50 *rês*. De madrugada saía, pro curral, tirava o leite das vacas, botava cumê e continuava na luta. Aí, o Odilon mandou quatro trabalhador pra mim, pra eu fazer minhas limpa. E eu na luta! Só passava em casa mode a minha velha, que tava doentinha. Mas aí, meu irmão, quando veio a chuva, não deu pra fazer mais nada. E aí a veia ficou doente mesmo e eu tive que ir me embora¹⁸.

Outras perspectivas sobre trabalho – Na oficina e na farmácia

Dois outros entrevistados também falaram sobre trabalho em tempos de enchente. Foram os senhores Francisco Firmino Neto e Sebastião Pereira da Cunha. Suas falas apresentaram outra nuance da visão acerca do trabalho durante a cheia. Os dois são

¹⁵ Antônio Avani de Almeida. Entrevista realizada em 13 nov. 2002. Bairro Alto, Jaguaruana-CE.

¹⁶ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 19 jun. 2004. Jureminha, Jaguaruana-CE.

¹⁷ Francisco Luiz da Silva, entrevista citada.

profissionais liberais, que, como os outros que entrevistei, tiveram suas atividades atingidas pela enchente, mas que ao contrário do lugar comum expresso nos relatos dos agricultores, não precisaram parar de trabalhar. Chico Firmino é metalúrgico e Sebastião trabalha numa farmácia da cidade. Ambos ainda hoje exercem a mesma profissão.

O relato de Chico Firmino é rápido e pontual. Ele enfatiza que não gosta de falar muito, mas foi procurado porque, durante o processo de construção desta pesquisa, foram escolhidos para ser entrevistados, dois tipos de narradores: aqueles, cujas lembranças valorizavam as agruras e os prejuízos e aqueles cujas memórias centravam-se nos quadros positivos da enchente, como as chuvas e todas as potencialidades que a cheia podia oferecer, depois que passasse, como é o caso da imagem construída por Avani, cristalizada em suas memórias como “o molhado da cheia”¹⁹.

Chico Firmino foi um dos narradores que lembrou a enchente com tristeza e valorizava, em sua narrativa, as passagens das perdas e do sofrimento.

Superado esse maniqueísmo que não levaria a lugar nenhum, percebi que a fala de Chico Firmino trazia várias considerações que poderiam ser aproveitadas em diversos momentos desse texto, como por exemplo, no tema dos abrigos e nas narrativas sobre o trabalho.

Trabalhando na metalurgia há mais de 30 anos, Chico Firmino passou por diversos acontecimentos dentro de sua oficina, um deles, o mais emblemático, se deu num dia em que quase duas toneladas de ferro caíram por cima de seu corpo. No entanto, bastou que se recuperasse para retornar as suas atividades.

No dia da entrevista, falou suas memórias mais vivas, dentre elas, a iniciativa de receber pessoas em casa, sua visão dos abrigos e abarracamentos públicos montados no centro da cidade, discorreu intensamente sobre as doenças em tempos de cheia, já que no final da enchente de 1985, precisou viajar à Fortaleza por causa da doença do filho e, finalmente, o trabalho.

Quando chegamos a esse assunto, seu relato foi, de certa forma, desconcertante. Ao ser perguntado se tinha conseguido trabalhar durante o período da cheia, respondeu:

¹⁸ Nota do autor: Em uma das entrevistas, Avani constrói uma imagem comparativa entre seca e cheia. Segundo ele, a seca é lenta, arrasta-se por dias e vai destruindo os bens e as esperanças do sertanejo aos poucos. Dura de três a quatro anos e a lembrança é sempre de perda. No tempo linear, o futuro sempre reservará menos que o passado. Durante a cheia, ocorre exatamente o contrário: a enchente é rápida. São, no máximo, três meses de chuva, tomando como exemplo o ano de 1985. Ela arrasa e destrói em pouco tempo, porém, durante seu período, os agricultores são assistidos pelos Governos e resta ainda a esperança de plantar e colher na terra que ficou “molhada pela cheia”, ou seja, há a certeza de tempos melhores, em breve. O futuro reserva fartura.

Trabalhei, mas foi muito pouco. Na verdade quase não tinha trabalho. Eu tinha condições de trabalhar, porque aqui em casa, bem dizer, não alugou. Eu tive condições de trabalhar, mas bem dizer não tinha era trabalho. E quando tinha trabalho, não tinha dinheiro. A pessoa, muitas vezes, não tinham com que pagar. Período difícil viu, muita dificuldade²⁰.

Sua indefinição em dizer se havia trabalho ou não, fez com que eu percebesse como Chico Firmino se enxergava diante de toda aquela situação. O narrador é um construtor do texto oral (BENJAMIN, 1976, p.215). Foi preciso escolher bem as palavras para descrever situação tão delicada.

Dizer que raramente o trabalho aparecia e que, na maioria das vezes, as pessoas não tinham com o que pagar, poderia parecer ao ouvinte que ele homem não queria ajudar as pessoas que não tinham dinheiro. Isso talvez pudesse “manchar” a imagem de boa pessoa construída durante sua fala.

No entanto, o que se consegue entender é a obviedade de seu pensamento ao relatar que seu trabalho era sua única fonte de renda e que dali tirava o sustento de sua família. Sua imagem, desta forma, não poderia ser maculada, pois como ele mesmo disse, não era retirado de cheia e por isso não recebeu ajuda do Governo, diferente de outros que se encontravam na mesma situação e foram beneficiados com bolsas de mercadorias. Além disso, diante do gravador, declinando suas memórias, estava um homem que abrigara mais de 15 pessoas em sua casa.

Para Chico Firmino, na cheia, o trabalho foi a única saída. Assim como todos os outros que entrevistei, as narrativas sobre o trabalho foram organizando seu discurso e, muitas vezes, sua vida. Ter entre suas lembranças um momento em que o trabalho não aparece de forma predominante, pode ter dado a ele os motivos para falar mal de períodos de enchente.

Do outro lado da rua, no que corresponde aos fundos da casa de Chico Firmino, trabalha numa farmácia o Sr. Sebastião Pereira da Cunha. Nossa primeira conversa aconteceu no dia 09 de agosto de 2002, em seu ambiente de trabalho.

Muito conhecido em Jaguaruana, foi procurado por conta da sua experiência no que diz respeito à relação entre a doença e a cura e por conta do tempo de sua vida dispensado ao trabalho por detrás do balcão daquele estabelecimento.

Seu nome incorporou sua profissão e por causa deste e de outros motivos, sua identidade enquanto cidadão passa por aquele lugar. Muito querido, algumas pessoas lhe dão

¹⁹ Francisco Firmino Neto é metalúrgico, profissional liberal, residente no Centro da cidade de Jaguaruana. Casado, pai de um filho, construiu uma casa de dois andares no fim dos anos de 1970. Sua residência o habilitou receber parentes e amigos retirados durante a enchente. Entrevista realizada em 09 ago. 2002, na cidade de Jaguaruana.

mais credibilidade do que aos médicos formados que passam por aquela cidade. Sua fala é marcada pela admiração com o movimento da enchente, com as doenças ocasionadas por este mesmo movimento, mas também pelas oportunidades que teve de ajudar as pessoas como balconista da farmácia.

Como Chico Firmino, *Sebastião da Farmácia* não precisou sair de casa e não teve sua residência inundada. Pelo contrário, recebeu familiares, dentre estes, sua mãe. Também não foi agraciado com as ajudas dadas pelo Governo. Foi quando respondia sobre este tópico da entrevista que falou de seu trabalho pela primeira vez:

Kamilo – “O Sr. recebeu alguma ajuda durante a enchente?”

Sebastião – “Não, assim, porque eu mesmo não precisei me deslocar, sair de dentro de casa, tinha ali meu emprego. Não foi necessário realmente ajuda por parte deles, dos governantes”²¹.

Falar que não recebeu ajuda em tempos de cheia porque não precisou é *privilégio* de poucos. A narrativa de Sebastião não se entrega, pois fala também que na mesma época a casa de seu pai caiu e eles receberam ajuda para reconstruí-la, gerando um conflito entre suas memórias e deixando a dúvida do que, de fato, representava para ele receber ajuda em tempos de enchente.

As lembranças sobre doenças são mais vivas, devido à grande força que o tema tem na sua vida e no seu trabalho. Afinal, trabalhar numa farmácia no interregno da cheia possibilitou que sua narrativa fosse inundada por lembranças de pessoas que o procuravam em busca de um remédio, ou por que não dizer, em busca de cura.

Para entender a presença marcante deste tema na narrativa de Sebastião da Farmácia, busquei as explicações de Célia Toledo Lucena (1999), a partir de suas reflexões em trabalho sobre migrações e memórias. A afirmação que tão bem serviu para explicar particularidades dos discursos de seus entrevistados, também se aplica a esta reflexão, a partir do momento em que, não só Sebastião, mas também o Mons. Ducéu, como pároco, ou Avani como sindicalista, narram os fatos que lhes são propostos e, conseqüentemente, suas vidas, a partir de um determinado lugar. Conforme Lucena, portanto:

Cada depoente, ao recordar o momento vivido da memória de sua cultura, faz uma reinterpretação pessoal e grupal, e como se sabe ‘em uma mesma pessoa que lembra, o próprio ato da lembrança tem a sua história e inscreve-se no contexto de como, a

²⁰ Sebastião Pereira da Cunha é casado e pai de três filhos. Mora numa rua da cidade comumente atingida pelas das cheias, no entanto, sua casa tem dois andares. Concentra sua narrativa nos episódios da cheia de 1985. Por trás de um balcão, na farmácia Santa Terezinha, construiu uma narrativa sobre o trabalho e as doenças em tempos de enchente. Entrevista realizada em 9 nov. 2002, Jaguaruana-CE.

cada vez, quem lembra vive, como um gesto e uma biografia, este contexto nesta história'. (1999, p. 26)

Por isso, optei que a entrevista fosse feita dentro da farmácia. Para Sebastião, falar de suas recordações do período de enchente, ali, no mesmo lugar, onde na época atendeu as pessoas, pode ser algo singular. Para este estudo foi algo determinante.

Quando perguntado diretamente sobre seu trabalho, respondeu:

Meu emprego não foi atingido. As pessoas na época adquiriram muitas doenças, crianças principalmente, mas idosos também. Na verdade, eu trabalhei foi muito, era todo tempo gente aqui comprando alguma coisa, sentada aí nesse banco que você tá vendo aí. Gente com lama até nos olhos, doente, viu, mas a gente atendia a todo mundo. Na época, morreram tanto pessoas idosas como crianças, viu. A gente fazia o que podia. Aqui o movimento era de dia e de noite²².

Seu emprego na farmácia realmente não foi atingido; de certa forma foi até intensificado e, porque não dizer, ressignificado. Como ele sugere: não estava ali vendendo remédios, estava mesmo era ajudando o povo. Conforme o pensamento de Lucena, estes relatos construídos na entrevista, podem ser analisados por múltiplos pontos de vista, principalmente em casos como estes em que os narradores constroem e reconstroem suas identidades e constantemente dão oportunidades para a nossa interpretação de suas falas (LUCENA, 1999, p. 26).

Sebastião organizou as lembranças pelo tema do trabalho. A possibilidade de ouvir sua fala em “estéreo”, como sugere Portelli e Jucá (2003, p. 21), aponta caminhos outros do alcance da sua narrativa como é o caso das doenças.

No que tange à perspectiva do trabalho, ele deu outra noção que unificou as proposições sobre que se busca refletir neste ponto: por um lado temos pessoas que encaram possibilidades de trabalho como atitudes solidárias, ou seja, trabalhar é também ajudar amigos, vizinhos e até desconhecidos; por outro, há aqueles que se aproveitam da calamidade ocasionada pela enchente para ganhar dinheiro; outros ainda continuam em seus serviços, tentando, na medida do possível, estabelecer uma regularidade em suas atividades, isto é, trabalhando da mesma forma que faziam antes da enchente. Sebastião da Farmácia é um dos narradores que encarou o trabalho durante a enchente através de outra perspectiva. Ele parece ter unificado as descrições anteriores: manteve seu ritmo, ganhou dinheiro e ajudou as pessoas.

²¹ Sebastião Pereira da Cunha. Entrevista realizada em 9 ago. 2002, Jaguaruana-CE.

Considerações finais

Entender as narrativas sobre o trabalho durante as enchentes foi um passo decisivo para este estudo. O inventário das lembranças feito a partir das entrevistas revelou que, dentre de todos os temas, o trabalho é uma constante que organiza as memórias de muitos homens e mulheres.

Mesmo que tenham sido procurados para contar histórias sobre as enchentes, os encontros com cada entrevistado resultaram em diversas dobras, dentre as quais uma delas, o trabalho, procurei contemplar nesse texto.

Nossas conversas se transformaram em modestos percursos explicativos, nos quais vários sentimentos e recordações foram se misturando e dando condições para se escrever esta história – a história do trabalho durante as enchentes em Jaguaruana. Tal como esclarece THOMPSON (1992, p. 22), “[...] a história oral pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação [...]”. Foi dessa forma, trabalhando com uma matéria advinda do vivido, que as narrativas esclareceram o que a história oficial não mostra.

Na perspectiva de que pouco se pode fazer (trabalho) diante da situação que se instala em tempos de enchente, a pergunta “*Fazer o quê?*” – título deste artigo – aplica-se a outras questões e não somente a problemas relacionados ao trabalho.

A enchente que muda a vida do sertanejo elimina algumas saídas para a sobrevivência e, ao mesmo tempo, recria novas assertivas para suas vidas. Ou seja, mesmo quando o assunto não era trabalho, a resposta para a pergunta “*Fazer o quê?*”, parecia ser dada a todo o momento, a cada nova recordação.

Em tempos de cheia, trabalho e vida se confundem constantemente.

Recebido em: 30.07.2015. Aprovado em 11.09.2015

Fontes

Entrevistados

Antonio Avani de Almeida
Francisco Luiz da Silva
Francisco Firmino Neto
Sebastião Pereira da Cunha

Jornais

Jornal O Povo. 22 abr 1974.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. **O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In. **Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política.** Brasiliense: Rio de Janeiro, 1976.
- FARGE, Arlette. **Do Sofrimento.** In: **Lugares para a História.** Lisboa: Teorema, 1999 p. 13-26.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.
- LUCENA, Célia de Toledo. **Artes de Lembrar e de inventar. (re) Lembranças de imigrantes.** São Paulo: Arte e Ciência, 1999.
- PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. Projeto História.** São Paulo: EDUC, n° 15, pp. 13-33, abr 1997.
- THOMPSON, Paul. **A voz do Passado: História Oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura.** Rio de Janeiro: Zahar. 1979.